



# Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 02/02 – 06/02



# Macroeconomia

No Brasil, a semana foi marcada por sinais de desaceleração gradual da economia, combinados com uma melhora marginal das expectativas de inflação. O Boletim Focus mostrou uma leve revisão para baixo nas projeções do IPCA, reforçando a percepção de que a política monetária restritiva começa a produzir efeitos mais claros sobre os preços. Esse diagnóstico também apareceu na ata do Copom, que indicou que, se o cenário esperado se confirmar, o Banco Central considera adequado iniciar um ciclo de cortes de juros nas próximas reuniões, ainda que de forma cautelosa. Mesmo assim, o nível da Selic segue elevado e continua sendo o principal instrumento para conter a inflação.

Os indicadores de atividade reforçaram a leitura de perda de ritmo. A produção industrial recuou no fim do ano e o PMI industrial voltou a mostrar contração mais intensa, refletindo fraqueza da demanda, redução de novos pedidos e menor utilização da capacidade. O setor de serviços ainda permanece em expansão, mas também mostrou desaceleração e piora na confiança das empresas, com relatos de menor entrada de negócios e interrupção das contratações. Esse conjunto de dados sugere uma economia que continua crescendo, porém em ritmo mais moderado, cenário compatível com juros altos e condições financeiras mais restritivas. No mercado financeiro, a temporada de balanços começou a influenciar o comportamento da bolsa, com resultados mistos entre bancos gerando volatilidade e maior seletividade por parte dos investidores.

No cenário externo, os dados indicaram uma dinâmica mais heterogênea entre as principais economias. Nos Estados Unidos, a indústria voltou a crescer após um longo período de retração, impulsionada principalmente pela recuperação das novas encomendas, embora o avanço tenha vindo acompanhado de pressões de custos e sinais de que a inflação pode permanecer resistente. Ao mesmo tempo, indicadores do mercado de trabalho e de confiança do consumidor mostraram um quadro de crescimento mais moderado, sem sinais de forte aceleração, reforçando a percepção de uma economia ainda resiliente, mas em desaceleração gradual. Esse equilíbrio entre atividade positiva e inflação persistente segue sendo o principal fator de incerteza para a trajetória da política monetária americana.

Na Europa, a manutenção dos juros pelos bancos centrais e a ausência de sinalizações claras sobre os próximos passos mantiveram o ambiente de cautela, enquanto os mercados continuaram sensíveis aos resultados corporativos. Na Ásia, os indicadores mais fracos da economia chinesa e a volatilidade nas commodities pressionaram parte das bolsas, evidenciando preocupações com o ritmo de crescimento da região.

Além dos dados econômicos, o noticiário geopolítico voltou ao radar com a retomada das negociações entre Estados Unidos e Irã sobre o programa nuclear, um fator que pode influenciar expectativas para energia e risco global caso as conversas avancem ou voltem a se deteriorar.

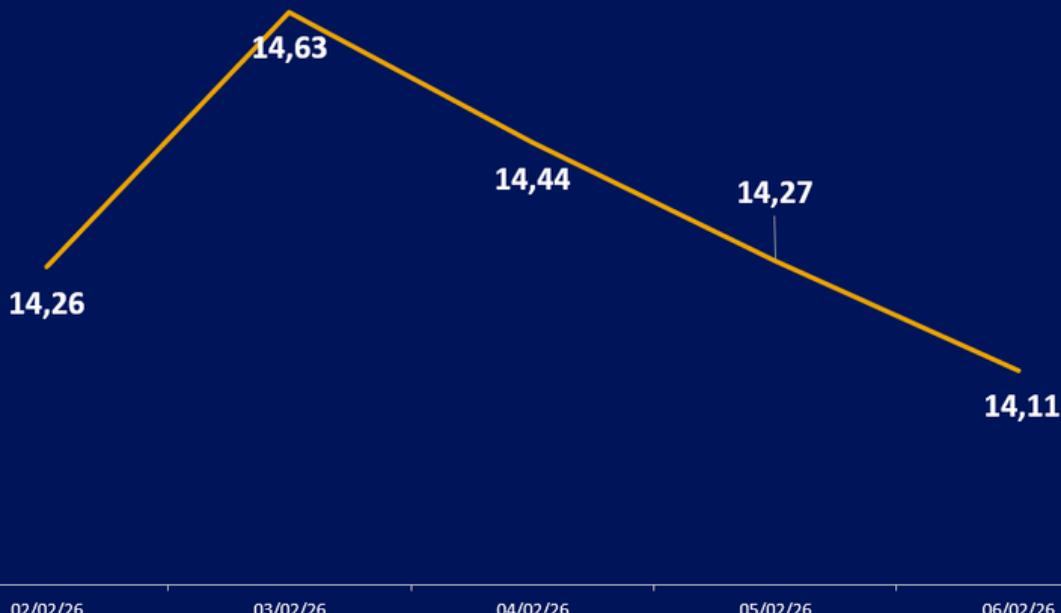
# Mercado Sucroenergético

A semana no mercado de açúcar foi marcada por um ambiente predominantemente defensivo, com as cotações em Nova York voltando a testar níveis próximos das mínimas recentes e apresentando oscilações que, em grande parte, refletiram fatores técnicos e de fluxo, mais do que mudanças relevantes nos fundamentos. O início do mês coincidiu com a aproximação da expiração da tela de março e com o início do período de rolagem dos fundos, o que elevou o volume negociado em spreads e aumentou a volatilidade de curto prazo. A elevada posição vendida dos especuladores também permaneceu como elemento central da dinâmica de preços: movimentos de recomposição pontual geraram altas momentâneas, mas esses ajustes encontraram resistência na atuação de agentes comerciais, especialmente produtores ainda atrasados em fixações, o que manteve a pressão sobre as telas mais curtas.

No campo macro e financeiro, o fortalecimento do dólar e a queda do petróleo contribuíram para reforçar o tom mais cauteloso dos mercados. A percepção de uma política monetária americana mais restritiva e a redução do apetite por risco afetaram o conjunto das commodities, enquanto o recuo do Brent reduziu o suporte indireto ao complexo sucroenergético. Esse ambiente externo ajudou a explicar por que o mercado continuou testando níveis mais baixos mesmo sem deterioração abrupta do balanço global.

Entre os fundamentos, a semana consolidou a percepção de conforto de oferta. A safra Indiana segue avançando em ritmo sólido, com produção acumulada significativamente acima da temporada anterior, enquanto discussões na Dubai Sugar Conference reforçaram a visão de superávit global para o ciclo atual e possibilidade de novo excedente no próximo. A União Europeia também apresentou desempenho melhor que o esperado, e surgiram indicações de expansão relevante da produção em países como o Paquistão, que pode voltar a ter maior presença exportadora. Ao mesmo tempo, a demanda global mostrou sinais de crescimento mais moderado, ainda sustentada principalmente por mercados emergentes, sem evidências de novos vetores altistas no curto prazo.

No Brasil, as atenções permaneceram concentradas no clima e no mix da próxima safra. A perspectiva de chuvas mais regulares no Centro-Sul reduziu prêmios climáticos e manteve estimativas de moagem ao redor de 620 milhões de toneladas, reforçando a expectativa de boa disponibilidade. No mercado doméstico, o etanol perdeu parte da força recente, com queda de preços e aumento das importações, o que tende a equilibrar o abastecimento até o início da nova safra, embora o clima continue sendo o principal fator de incerteza para os próximos meses.



## Clima & Tempo

Desde dezembro de 2025, precipitações acima da média têm sustentado bons níveis de umidade do solo em várias áreas-chave de produção, proporcionando condições iniciais favoráveis para a safra, ao mesmo tempo em que criaram desafios localizados para as operações de campo, incluindo menor acessibilidade e ritmo mais lento de colheita nas regiões mais úmidas, antes de uma transição subsequente para padrões mais secos nos meses seguintes. Em 2026, em diversas regiões, janeiro e especialmente fevereiro registraram volumes de chuva bem abaixo da média, em forte contraste com as condições mais úmidas observadas no mesmo período da safra anterior. Apesar de o excedente de umidade anterior ter sustentado o desenvolvimento das lavouras e o desempenho das soqueiras, a transição para uma fase mais seca reduziu os níveis de umidade e favoreceu ambientes de campo mais estáveis, típicos da estação seca.

Do ponto de vista operacional, as condições mais úmidas no período anterior provavelmente causaram restrições localizadas de acesso às áreas e desacelerações logísticas intermitentes, enquanto a tendência posterior de seca melhorou a eficiência da colheita e as condições de transporte. No entanto, déficits contínuos de chuva podem gradualmente reduzir a disponibilidade de umidade no solo caso o padrão seco persista, especialmente em áreas não irrigadas. As previsões indicam que a precipitação deve se aproximar gradualmente das médias sazonais, o que pode ajudar a estabilizar as operações de campo, favorecer uma maturação mais equilibrada da cana e reduzir os riscos associados tanto ao excesso de umidade quanto a períodos prolongados de estiagem.